

Relembrar Michel de Certeau

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.148937>

Fernanda Arêas Peixoto

🏠 Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

✉ fareaspeixoto@gmail.com

RESUMO

Defendendo a importância de Michel de Certeau para a antropologia contemporânea, o artigo sugere afinidades da teoria das práticas do autor com certas formulações de Michael Herzfeld e Tim Ingold. Associada a essa análise, apresenta-se ainda uma reflexão de cunho pessoal sobre o modo como a leitura de Certeau auxiliou a redefinir as próprias pesquisas da autora.

PALAVRAS-CHAVE

Michel de Certeau e a Antropologia contemporânea, Teoria da Cultura, práticas cotidianas, criação e consumo cultural, *métis*.

RECOLLECTING MICHEL DE CERTEAU**ABSTRACT**

Arguing for the recognition of Michel de Certeau's contribution to contemporary Anthropology, this article suggests affinities between Certeau's theory of practice and some thoughts by Michael Herzfeld and Tim Ingold, also proposing a personal account of the importance of Certeau's ideas to the author's own research work.

KEYWORDS

Michel de Certeau and Contemporary Anthropology, Theory of Culture, Everyday Practices, Culture Creation and Consume, *Métis*

“O que chamamos de academia (este aparato que confere legitimidade e prestígio aos saberes e também diz quais são eles) é competente na tecnologia da reprodução: generaliza tudo o que toca”. Com esta afirmação direta e incisiva Beatriz Sarlo abre um de seus ensaios sobre Walter Benjamin, em que discute a banalização das formulações do filósofo, vítima dos modismos universitários que tendem a corroer a originalidade das ideias, convertendo-as em fórmulas *prêt-à-porter*. Diante do fenômeno, que alcançou outros, como Foucault e Bakhtin, melhor “esquecer Benjamin”, reclama a ensaísta argentina, para que possamos voltar a ele com olhos renovados (Sarlo, 2000: 77)¹.

Não parece despropositado substituir o nome de Benjamin no ensaio de Beatriz Sarlo pelo de Michel de Certeau, cujas ideias foram difundidas e algo banalizadas, ao longo dos anos 1980 e daí por diante. Nesse processo, a publicação de *A invenção do cotidiano* (editado em 1980 e traduzido para o inglês em 1984) é um marco central, referência importante para os estudos culturais mundo afora. Diferenças à parte – a voga benjaminiana parece mais longa e robusta –, é possível dizer que certas formulações de Certeau, sobretudo aquelas apresentadas no primeiro volume da obra, tenderam a se converter em fórmulas, despidas da espessura teórica que lhes deu origem. “Táticas” e “estratégias”, “práticas” e “relatos de espaço”, “narrativas delinquentes”, entre outros, tornaram-se termos correntes a povoar as teses universitárias em ciências humanas, funcionando ora como modelos a serem aplicados (a oposição entre “estratégia” e “tática”, por exemplo), ora como metáforas.

1 Agradeço a Adrián Gorelik a lembrança deste ensaio de Beatriz Sarlo. A tradução do trecho é de minha autoria.

Observa-se também certa tendência a desligar os fios que conectam os argumentos dos volumes de 1980 com as reflexões do autor sobre a escrita da história, a experiência mística, a psicanálise e a possessão, que ressoam em suas interpretações sobre as práticas cotidianas, tocadas por problemas antes esboçados. Tal operação de corte verifica-se no interior mesmo de *A invenção do cotidiano*, cujo primeiro volume (“Artes do fazer”), lido e relido, terminou por deixar na sombra o segundo (“Habitar, cozinhar”), dedicado à apresentação dos resultados da pesquisa coletiva realizada entre 1974 e 1979, da qual participaram, além de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol.

Paradoxalmente, o trânsito do autor por domínios variados – história, antropologia, filosofia, sociologia, literatura, linguística, psicanálise, entre outros – funcionou como mais um fator a alimentar os parcelamentos, cada área aproveitando a porção que mais lhe interessava e negligenciando outras². Não se trata de lastimar simplificações de leitura ou de lamentar as modas, ainda que reconhecendo os seus efeitos perversos. Afinal, se a generalização das ideias de Certeau gerou reduções, ao longo dos percursos erráticos que percorreram, elas também fertilizaram caminhos reflexivos.

Essas considerações iniciais não devem levar a supor que se realizará aqui uma exegese ou leitura integrada das várias faces da produção do autor, tarefas às quais vêm se dedicando outros intérpretes³. Elas visam, ao contrário, deixar claros os riscos implicados neste exercício parcial, que se orienta por um objetivo preciso: recuperar algumas formulações de Certeau, pensando suas afinidades com reflexões antropológicas atuais. Além de sugerir aproximações de suas teses com certa antropologia recente e com autores nem sempre a ele avizinados, este ensaio mostra-se também, e sobretudo, uma tentativa de pensar a presença do autor em minhas próprias reflexões, salientando as redefinições de rota que ela produziu em meu trabalho. Trata-se de um exercício pessoal, é certo, mas que espera expandir as fronteiras da autoanálise e contribuir para a releitura de Certeau, reinserindo-o na paisagem antropológica contemporânea.

A motivação de fundo deste texto é chamar a atenção para os rendimentos das proposições do autor, lembrando-o em um momento no qual, salvo engano, estamos mais livres do alvoroço produzido pela voga que cercou parte de seus escritos, seja após o maio de 1968 francês, no qual se engajou, seja a partir dos anos 1980, com o *boom* dos *Cultural Studies* e das reflexões sobre o pós-colonialismo. Assim que, relativamente esquecido nos dias que correm, ao menos pelos antropólogos, talvez seja o momento de lembrar Michel de Certeau.

AO RÉS DO CHÃO

Convidada pela Associação Americana de Antropologia, em 1984, para reali-

2 Nessa direção, Peter Burke (2002) assinala de que modo o reconhecimento de Certeau como um dos mais criativos e importantes teóricos do século XX veio acompanhado do relativo esquecimento de parte de sua produção em alguns contextos (por exemplo, de seus escritos sobre a Igreja na América Latina).

3 Ver, entre outros, Giard (1987, 1988 e 2017).

zar um estado da arte da disciplina, Sherry Ortner localiza naqueles anos uma tendência teórica alimentada por um “novo símbolo-chave”. Mais precisamente, a autora destaca a noção de prática, à qual se associa uma série de teorias, métodos e orientações, além de uma cadeia de termos afins: práxis, ação, interação, experiência, performance, entre outros (Ortner, [1986] 2011: 420). O interesse da antropologia pelas práticas, bem o sabemos, acompanha o movimento de parte dos estudos da linguagem, que retira o foco de sua atenção da estrutura da língua – objeto da linguística de acordo com a tradição instaurada por Saussure –, direcionando-o aos enunciados e às performances linguísticas. A inclinação analítica dos *speech acts* – que tem em Austin (1962) uma referência central e que encontra desdobramentos nas etnografias da fala e nas análises das artes verbais (respectivamente, Bauman e Sherzer, 1974, e Bauman, 1977) – toca a análise social em geral e a antropologia, em particular, desdobrando-se em direções diversas.

No balanço realizado por Ortner, tem destaque o *Esboço de uma teoria da prática*, de Bourdieu (vertido para o inglês em 1978), obra que, segundo ela, coincide com o período em que os “pedidos para uma abordagem orientada para a prática ficaram mais audíveis” ([1986] 2011: 440). O nome de Foucault, por sua vez, fundamental para a nova inclinação pragmática dos estudos, figura em uma nota do texto, na qual a autora reconhece sua “incapacidade” em incorporá-lo à discussão proposta. O de Michel de Certeau está completamente ausente, omitido seja quando Ortner discute o interesse de parte das análises antropológicas pelas práticas cotidianas, seja quando menciona as relações da antropologia com a história, dois terrenos nos quais Certeau se movimentou com desenvoltura, abrindo novas veredas interpretativas⁴.

A reflexão de Michel de Certeau sobre as práticas anônimas, criadas e recriadas no cotidiano, sistematizada no primeiro volume de *A invenção do cotidiano*, localiza-se em cheio no plano da enunciação, como ele não se cansa de afirmar, reconhecendo as inspirações retiradas de Austin, Greimas e da Escola de Praga. A imagem-chave por meio da qual ele pensa o mundo é, sem dúvida, a linguagem. Não se trata da língua, interesse primeiro da linguística estrutural e da antropologia de Lévi-Strauss, mas do plano da fala, que remete à atualização do sistema linguístico. Ou seja, o autor dedica-se à palavra proferida em praça pública, empenhada e conquistada⁵, e também à glossolalia, flagrada tanto na palavra alterada na possessão, quanto nos sons da conversação ordinária: barulhos de corpos e coisas, “sons delinquentes”, fragmentos de vozes outras, verdadeira “vegetação vocal”, em seus termos (Certeau, [1980] 1990: 236-238)⁶. Lidas na chave das performances verbais, as práticas correntes mostram-se operações sobre os sistemas de regras disponíveis (a língua ou a ordem social), que elas manipulam e subvertem, em função de deslocamentos, elipses e de pequenas astúcias. Indisciplinadas por definição, as “táticas” cotidianas são, ao mesmo

4 Lembremos que, nos anos 1980, Certeau encontrava-se próximo do meio universitário norte-americano em função de sua permanência como professor na Universidade de San Diego, Califórnia, entre 1978 e 1984, e da tradução para o inglês de *A invenção do cotidiano* (*The Practice of Everyday Life*, 1984).

5 Ver “La Prise de parole (mai 1968)”, Certeau (1994).

6 Seria interessante realizar uma aproximação das reflexões de Certeau sobre a oralidade e a voz daquelas empreendidas por Paul Zumthor (1987), reflexões que se projetam, nos dois autores, sobre o gesto e corpo, sobre a leitura e a escrita. Especificamente a respeito da palavra na possessão, ver cap. VI de *A escrita da história* (1975).

tempo, atos e retóricas, escreve ele, alimentadas por saberes de tipo especial – senso de oportunidade e capacidade de improvisação – que estão na base de criações novas.

De modo a enfrentar analiticamente essa modalidade de saber oportunista, que não porta a assinatura de seus artífices, Certeau se vale de inspirações retiradas dos atos de fala de Austin, mas também do modelo de Wittgenstein sobre a linguagem ordinária, das interpretações de Freud sobre os lapsos linguísticos e das reflexões de Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant (1974) sobre a *métis* grega, decisivas para a sua teoria das práticas cotidianas. Primeira esposa de Zeus que, após o nascimento de Atenas, é engolida pelo marido e confinada às profundezas de seu ventre, a deusa *Métis* entra para o panteão grego associada a uma série de “saberes-fazer” dotados de eficácia prática. Nome próprio que passa ao vocabulário comum para designar uma forma particular de inteligência e de prudência sagaz, a *métis* foi relegada ao segundo plano, esquecida pelos tratados de lógica e sistemas filosóficos, ainda que ocupe lugar central no universo mental grego, indicam Detienne e Vernant. Ao retirarem do silêncio este saber prático, que remete à história das técnicas e a um tipo de sabedoria aplicada, os helenistas lançam luz sobre modos de pensar que operam pelo faro e pelo tateio. Saber conjectural que perturba antinomias centrais da filosofia grega (como o um e o múltiplo, o homem e o animal, o sensível e o inteligível), a *métis* se dirige a realidades lábeis e ambíguas, de difícil captura pelo cálculo exato, procedendo por tentativa e erro – método caro às artes médicas e militares – e pela capacidade de dissimulação e camuflagem, que os animais tão bem conhecem⁷.

Como a *métis* grega, as práticas-táticas cotidianas, pelas quais se interessa Certeau, são “artes do fazer” (*ars* do latim, técnica, habilidade) dotadas de estilo. Elas se insinuam nos espaços e discursos estratégicos, em função de certa economia (do “dom”), de uma estética particular (de “golpes” ou *coups*) e de uma ética da tenacidade, traduzida nos incontáveis modos de transgredir a lei ou sistema (Certeau, [1980] 1990: 46). Nesse sentido, o cerne da teoria da prática de Certeau leva-o a se distanciar das análises de Foucault e de Bourdieu, a despeito da interlocução firme que estabelece com ambos⁸. Do primeiro, afasta-se em função da atenção que parte da análise foucaultiana dedica à microfísica do poder, às técnicas de controle e aos dispositivos panópticos, enquanto Certeau visa a multiplicidade de poderes táticos e anônimos que escapam aos controles. Em relação ao segundo, as diferenças têm a ver com a noção de campo de forças e com as ações regradas dos agentes, centrais para Bourdieu, ao passo que Certeau mostra-se afeito ao que escapa às regras e disposições duráveis. Se Foucault volta-se para os efeitos das práticas e Bourdieu dedica-se à sua gênese (produzidas pelo encontro do *habitus* e do campo), Certeau coloca o foco de sua atenção

7 O resumo aqui apresentado das teses de Detienne e Vernant (1974) ampara-se sobretudo nas formulações presentes na Introdução, cap. 1 e Conclusão do livro.

8 Luce Giard denomina a relação de proximidade e distância entre os autores de “anti-afinidade eletiva” (1990:12).

nas táticas indisciplinadas, aquelas que burlam e subvertem, operações que a *perruque* ilustra com perfeição: ela que se refere a bricolagens pessoais realizadas para fins próprios, pelo desvio de tempo e reaproveitamento de materiais⁹.

Além de se voltar para as práticas de tipo tático, a interpretação de Certeau enfatiza a inseparabilidade entre “maneiras de fazer” e “modos de dizer” (ação e discurso como operações homólogas). Tal pressuposto o conduz a sublinhar a centralidade do gesto: o do ativista que empunha a palavra, em praça pública; o do leitor, que constitui uma “cena secreta” e um “teatro de movimentos”, de olhos, mãos e ritmos corporais; o do teórico, que recorta, isola e reconstitui; ou ainda o do historiador, cujo trabalho se inicia pelos atos de separar, reunir e converter objetos em documentos¹⁰.

Corporais por excelência, as artes táticas são também artes da memória, na medida em que carregam consigo um conjunto de saberes e uma pluralidade de tempos acumulados, acionados no momento oportuno. A leitura é exemplar nesse sentido, já que se mostra uma criação que opera pelo reaproveitamento de experiências presentes e passadas, revelando-se, assim, uma invenção de memória: “Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o espectador lê a paisagem de sua infância na reportagem de atualidades” (Certeau, [1980] 1990: xix).

A teoria das práticas de Michel de Certeau, atenta ao estilo que elas assumem, convida-nos a pensar em uma “poética social” em termos assemelhados ao que propõe, a partir de outras referências, Michael Herzfeld ([1997] 2005), também inclinado, desde as primeiras etnografias que realizou na Grécia, às formas culturais do comportamento cotidiano e ao esboço de uma perspectiva pragmática para o exame da vida social. Tal poética não se confunde, para nenhum deles, com poesia, mas recupera o sentido etimológico do termo (do grego *poiein*, criar, inventar, gerar) para pensar as retóricas sociais. Os horizontes são aparentados, os de Herzfeld e Certeau, é verdade, mas com móveis diversos. Herzfeld dirige a sua análise para as zonas de intersecção das experiências cotidianas e das estruturas de poder que as afetam, voltando-se, em função disso, para o exame do Estado e da burocracia nos planos concretos da experiência, bem como para o exame dos estereótipos e “essencializações”. Michel de Certeau, propenso à interpretação das práticas ordinárias (a leitura, a cozinha, a arte da conversação, as caminhadas, as práticas e economias escriturárias), não se detém nos espaços e mecanismos estatais, econômicos e científicos – ainda que sejam estes os terrenos nos quais as táticas operam, já que se imiscuem nos “lugares próprios” definidos pelas instituições e pelas racionalizações estratégicas. Por essa razão é que Certeau considera o ato de agir, em sua mobilidade tática, como eminentemente transgressor e político.

Não parece difícil notar que as táticas cotidianas lançam mão da bricolagem como método, pois que realizam composições com restos e resíduos sem

⁹ Expressão referida ao mundo do trabalho, “*faire la perruque*” designa práticas de desvio, de tempo e materiais, com vistas à feitura de produtos outros, que não aqueles visados pela produção da fábrica ou empresa. Contudo, não são práticas de todo clandestinas, já que realizadas muitas vezes com o conhecimento do patrão. Certeau dedica um segmento do capítulo II de *A invenção do cotidiano*, a esse tipo de prática ([1980] 1990: 43-48). Para as leituras sobre Foucault e Bourdieu, ver caps. 4 e 5 de *A invenção do cotidiano*.

¹⁰ Sobre a palavra como gesto político, ver *La Prise de parole et autres*; sobre a leitura, ver cap. 12 de *A invenção do cotidiano* (“Ler: uma operação de caça”); sobre as “artes da teoria”, ver cap. 5 de *A invenção do cotidiano*; e, sobre a “operação historiográfica”, ver cap. 2 de *A escrita da história*.

obedecer a um projeto prévio. No entanto, ao contrário dos mitos analisados por Lévi-Strauss, a produção ordinária que germina em solo cotidiano não desenha conjuntos nem séries, repetindo-se e se dispersando sem cessar¹¹. Como capturar, então, essas formas efêmeras e percíveis, que teimam em não se fixar? Como registrar no texto escrito práticas, a maior parte delas, não discursivas? Nessa direção, assinala Certeau, é preciso testar um novo vocabulário e uma nova modalidade de escrita capazes de apreender essas práticas movediças; escrita que mimetiza a forma tática das práticas, florescendo em espaços imprevistos, e contestando, em seu movimento congênito, lugares, fronteiras e convenções. Desse modo, o experimento teórico-narrativo proposto pelo autor é também uma convocação política: tentemos fazer da escrita científico-acadêmica, submetida às regras e espaços das instituições científicas, uma arte análoga à da *perruque* (Certeau, [1980] 1990: 48-49).

Na medida em que coloca o seu acento não sobre as convenções e retóricas estabilizadas (as “essencializações” e estereótipos, tão bem analisados por Herzfeld), mas sobre a forma das práticas, os procedimentos de Michel de Certeau terminam por apresentar afinidades com a antropologia de Tim Ingold, sobretudo suas reflexões sobre as “linhas” e os “fazeres”. Os autores aproximam-se também pela importância que atribuem ao caminhar, levando-os a suspender oposições como as normalmente estabelecidas entre pensamento e ação, entre saberes práticos e teóricos¹², com ajuda de uma análise de timbre fenomenológico e pragmático. O programa reflexivo que estabelecem retira o seu sentido de um deslizamento analítico fundamental: objetos, produtos e obras dão lugar a processos de feitura e composição (e, no caso do Ingold, ao trato com os materiais). Lugares, por sua vez, são substituídos por itinerários e reflexões nômades, que se fazem no ato de caminhar. O deslocamento e a viagem convertem-se, assim, em paradigmas, orientando as análises que, longe de centrarem-se nos atores e seus papéis, caros ao interacionismo, visam os esquemas de ação, as lógicas operatórias e as “linhas de errância”, nos termos de Fernand Deligny, referência para ambos. No caso de Michel de Certeau, a leitura é a atividade tática exemplar, operação pensada analogamente à arte da caça ilegal¹³. Além disso, a análise certeuniana interpela os fantasmas e desejos, inspirada nas leituras de Freud e Lacan, dimensões relativamente ausentes da antropologia de Ingold, mais interessada nas dimensões cognitivas e na percepção do que nas manifestações do inconsciente¹⁴.

À atenção a uma “poética social” (que faz ecoar as formulações de Herzfeld) e ao exercício de uma “reflexão ambulante ou viajante” (à qual a antropologia de Ingold mostra-se sensível), Certeau associa o ponto de vista dos “usos”, que ele propõe como perspectiva privilegiada para a análise da produção cultural. Ao se debruçar sobre uma produção dispersa e quase invisível, qualificada pejorati-

11 Há diversas menções ao *bricoleur* lévi-straussiano nos escritos de Certeau. Ver especialmente cap. 12 de *A invenção do cotidiano*, vol.1.

12 Remeto o leitor a *The Perception of the Environment* (2000), *Lines* ([2007] 2011), *Being Alive* (2011), *Making* (2015), de Ingold, nos quais Certeau é expressamente referido.

13 Ver Chartier e Hébrard (1998). A prática da leitura é contemplada por Ingold, mas sem adquirir a mesma proeminência na análise.

14 A localização de diálogos entre certas proposições de Ingold e Certeau não significa desconsiderar ausência de reparos críticos. Ver cap. 1 e 2 de *Lines*, quando Ingold discute a noção de escrita usada por Certeau; o texto não seria artefato, “mas coisa que fala”, argumenta Ingold, assim como a escrita distante estaria do caminhar, do qual Certeau a aproxima (Ingold, [2007] 2011: 22 e 122, respectivamente).

vamente de “consumo”, ele se pergunta pelo que fabrica aquele que usa – seja o leitor ao ler o texto, seja o transeunte ao percorrer a cidade –, voltando-se, com isso, para as operações dos usuários que atravessam espaços, exploram brechas e desobedecem às regras dos lugares. A associação entre consumo e criação permite ao autor retirar as discussões sobre a produção cultural do plano das representações, enfatizando os processos criadores que têm lugar pelas apropriações e usos de espaços, materiais, repertórios, símbolos etc.

A teoria das práticas (táticas) de Michel de Certeau se abre na direção de uma teoria da cultura que é da ordem do canibalismo. O uso, com suas operações de reemprego e reutilização, é prática canibal por excelência, definindo-se pela “devoração” do outro, a partir do qual criações novas são possíveis. Essa teoria canibal da cultura se enraíza, nas reflexões do autor, sobre a “heterologia”, discurso sobre o outro e no qual o “outro fala” (embora, no limite, sempre ausente), que fundamenta a escrita da história e a operação etnográfica. O relato escrito, ele indica – aquele do viajante, do historiador ou do etnógrafo – diz a palavra do outro, instituindo-se em lugar do outro, e cujo destino é ser entendida *autrement*¹⁵.

Ao privilegiar o uso (e a devoração, acrescento), Certeau sugere uma mudança na análise da produção cultural, pela consideração de um novo ângulo: literalmente, o prisma das criações pedestres, perceptíveis ao rés do chão, solo no qual o intérprete deve se situar de modo a flagrar as germinações criativas e criadoras, e a ser por elas surpreendido. Assim sendo, sua interpretação prioriza o ato – do fazer, do consumir – chamando a nossa atenção para os lugares intermediários, onde efetivamente as coisas são criadas, e não para as formas finais que elas assumem, que tendem a apagar ruídos, ambivalências e inadequações presentes nos processos de feitura.

A todas essas dimensões, Certeau acrescenta uma outra. Retirando as práticas cotidianas do “fundo noturno da atividade social” e valorizando-as como solo no qual a vida social é verdadeiramente gestada¹⁶, sua análise defende serem as práticas ordinárias investidas por lembranças, desejos e sonhos; tocadas e transformadas pela subjetividade. Retirando a sua razão de ser da ausência de um espaço próprio de inscrição, a tática reedita uma experiência prazerosa primeira, discutida pela psicanálise: desejo de ser outro e passar a outro, como no célebre jogo da criança diante do espelho que se reconhece “um” que é um “outro”.

Não parece difícil notar como as táticas cotidianas traduzem, nelas mesmas, o movimento errático e incessante do desejo, que se movimenta pela falta.

SABER-FAZER

Apresentadas algumas linhas de força da teoria das práticas-táticas de Michel de Certeau, gostaria de pensar seus rendimentos para certa modalidade de

15 Nas palavras de Certeau: “Je m’interroge sur la portée de cette parole institutée en lieu de l’autre et destinée à être entendue *autrement* qu’elle ne parle” (1975: 247). Ver a terceira parte de *A escrita da história*, “Etno-grafia. A oralidade ou o espaço do outro: Léry”.

16 Não parece descabido entrever afinidades entre as reflexões de Certeau e a filosofia piaroa, com a ajuda de Joanna Overing (1999). Os Piaroa tampouco separam pensamento e ação, conferem primazia à prática e às dimensões performativas e atribuem lugar central à vida cotidiana como locus de criação da vida social.

exercício antropológico de cunho autorreflexivo, ao qual venho me dedicando há alguns anos.

As leituras mais sistemáticas de Certeau, contemporâneas dos contatos com arquivos pessoais e profissionais, que comecei a frequentar dez anos atrás, alteraram o feitio das pesquisas que eu vinha realizando sobre antropólogos e antropologias. Vi-me obrigada a rever problemáticas e enquadramentos analíticos, e também a expandir os sentidos de obra com os quais tendemos a trabalhar, a despeito das conhecidas advertências de Foucault sobre escapar da obra como texto fechado e fixado somente pelo escritor (Foucault, [1969] 2001). Certeau subscreve tais alertas ao afirmar que “uma ideologia de proprietários” isola o autor, o criador, a obra, quando, de fato, “a criação é uma proliferação disseminada” (1993: 214).

Eu diria que tanto o trato com arquivos pessoais e profissionais quanto as formulações de Certeau nos auxiliam a considerar as ideias como gestos que engendram ideias, constituem lugares sociais e “instauram uma topografia de interesses” (Certeau, 1975: 79). Ao assinalar a relação inextrincável entre práticas e enunciados, levando-nos a enfrentar as ideias como maneiras de fazer, o autor nos endereça às ferramentas indispensáveis à criação, o que faz refletir sobre as artes e astúcias do pensamento considerado em sua dimensão artesanal, para a quais as reflexões de Detienne e Vernant (1974) já chamavam a atenção.

Os papéis profissionais de Roger Bastide, depositados no Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine, IMEC¹⁷, por exemplo, colocaram-me diante de anotações em folhas soltas, cadernos de viagens, fichamentos de livros, desenhos, correspondências e rascunhos de textos, que deixavam à mostra o coro de vozes, hesitações e desvios que acompanham os processos de confecção do conhecimento, em geral apagados nas obras preparadas para a divulgação. Os materiais do arquivo me conduziram, assim, às linhas, gestos e derivas que estão na origem dos livros e artigos publicados, e me abriram as portas do ateliê do criador, este espaço barulhento das experimentações mescladas que tende à ordem e ao silêncio quando da apresentação pública dos trabalhos.

Ao aceder aos bastidores da produção científica com a ajuda dos arquivos foi possível observar, por exemplo, como as leituras literárias, as mais diversas, são parceiras frequentes dos antropólogos em campo. Elas funcionam menos como *hobbies* desinteressados ligados a momentos de pausa no trabalho, e mais como ferramentas fundamentais para a elaboração das análises, ao lado dos diários de campo, das câmeras fotográficas e de outros artefatos do conhecimento¹⁸. Esses papéis provisórios me fizeram ver também como as observações e registros, escritos e imagéticos, feitos por colegas e amigos são sistematicamente aproveitados, migrando do trabalho de um ao do outro, assim como permanentemente trocados são os próprios materiais de pesquisa, o que me levou a indagar sobre o lugar das parcerias e das amizades como solos fundamentais para a construção

17 Os arquivos foram consultados em 2006 e 2007 (ver <http://www.imec-archives.com>).

18 Desenvolvi este ponto no artigo “Literatura e imaginación etnográfica” (Peixoto, 2016).

dos saberes. Tais partilhas, pessoais e profissionais, evidenciaram-se nos cadernos de campo elaborados por Roger Bastide quando de sua viagem ao Daomé e à Nigéria, realizada entre julho e setembro de 1958, e em sua correspondência extensa com Pierre Verger. Por meio desses registros foi possível seguir, além da preparação dessa viagem africana, a troca cerrada de informações, de ideias e problemas de pesquisa¹⁹. A documentação mostrava ainda como a escrita e o desenho são atividades frequentemente associadas, mesmo para aqueles mais estritamente classificados como “escritores”. Olhar, ler e escrever; observar, desenhar e fotografar; descrever e narrar são todas elas práticas mobilizadas pelos sujeitos na fabricação de suas interpretações – interpretações inseparáveis das trocas afetivas, das conversas e das colaborações entre amigos.

Cabe assinalar que o contato com o que estou chamando de bastidores do trabalho intelectual e a recuperação de materiais considerados menores não têm como objetivo revelar verdades deliberadamente camufladas no texto final e preparado para a divulgação. Ao contrário, a intenção de trazê-los à tona é ampliar a compreensão dos saberes e de seus autores. Esse esforço nos permite sondar os processos de composição da reflexão e a formação de pontos de vista que, no caso dos autores que elegi para exame em *A viagem como vocação* (Peixoto, 2015) – Roger Bastide, Pierre Verger, Michel Leiris e Gilberto Freyre – valem-se sistematicamente das artes para a construção das análises. Artes que são mobilizadas por eles de diversas formas. Seja no plano da perspectiva interpretativa, por exemplo, a “perspectiva barroca”, com a ajuda da qual Bastide lê as cidades e o candomblé, matérias de suas primeiras investigações em solo brasileiro²⁰; seja no plano do vocabulário, já que auxiliam a construir noções mais plásticas e “líquidas” capazes de capturar fenômenos moventes (Bastide, 1957), ou, ainda, artes que sugerem formas expressivas capazes de inspirar modos de descrição da experiência, o que pode ser percebido nos retratos fotográficos de Pierre Verger e por aqueles compostos por Gilberto Freyre, tanto em seus desenhos como em seus ensaios, nos quais ele faz desfilar uma galeria de tipos e perfis de forte vocação plástica.

Os arquivos e produções, de certo modo à margem das obras principais, parte delas inédita, que constituem o *corpus* de *A viagem como vocação*, permitiram descobertas factuais; além disso, e fundamentalmente, eles produziram um descentramento analítico, relacionado à ampliação da ideia de obra, como indiquei antes, e um alargamento do sentido de pensadores, já que a categoria se expandiu pela inclusão nela de outros sujeitos (desenhistas, fotógrafos, artistas). Os autores e as obras, nesse sentido ampliado, auxiliaram a descortinar paisagens heterogêneas e topografias acidentadas, que Certeau inspirou a compor e a explorar.

As metáforas geográficas não são casuais. A análise mostra-se sensível à geografia das ideias e, não por acaso, a viagem foi tomada como operador refle-

19 Ver cap. 4 de *A viagem como vocação* (Peixoto, 2015), “Bastide e Verger, entre Áfricas e Brasis”.

20 Ver Peixoto (2015), cap. 1 e 2, “Roger Bastide e as cidades”, “O candomblé (barroco) de Roger Bastide”.

xivo e narrativo, tão ao gosto de Certeau. Para o autor, o relato e o pensamento instauram uma marcha (“eles guiam”), além de passarem “através”: eles “atravesam”, “transgridem” (Certeau, [1980] 1990: 189). Ao fazer da viagem o eixo condutor da reflexão do livro, o sentido de deslocamento ganhou novas acepções: em vez de conexão entre um ponto de partida e um de chegada, a viagem tomou a forma de um modo de ser e estar no mundo, convertendo as ideias em saberes-fazer, gestados ao longo dos percursos traçados. A partir desse prisma, novos sentidos vieram à tona. Foi possível descobrir, por exemplo, como as reflexões de Bastide sobre a África no Brasil deram-se paralelamente ao seu aprendizado da presença do Brasil na África, que os olhos e registros de Verger lhe auxiliaram a conhecer, nas longas e frequentes cartas enviadas ao amigo desde 1946. Da mesma forma, pude notar como a visada sociológica de Bastide sobre o barroco brasileiro, defendida em artigos e trabalhos acadêmicos, convive com outra ideia do barroco, mais próxima das clássicas teses do crítico catalão Eugenio D’Ors sobre o assunto, que lança a noção para além dos domínios da arte e de um período histórico determinado. Foi possível reler também *Aventura e rotina* (1953) de Gilberto Freyre como um livro de memórias, flagrando ainda as contaminações entre texto e imagem em suas reflexões, assim como revisitar o breve ensaio de Leiris, “L’œil de l’ethnologue” (1930), reavendo o seu caráter de reflexão antropológica, minimizado por seus leitores, a despeito do título²¹.

A articulação entre regimes de deslocamento e de formação de saberes sobre o mundo, que define o movimento central da interpretação em *A viagem como vocação* (Peixoto, 2015), não teve a ambição de lançar uma teorização mais geral sobre a viagem e seus modelos. Aliás, ao rever certos pensadores com ajuda das viagens que eles realizaram em contextos precisos, vi-me justamente diante da dificuldade de distinguir modalidades de viagens (as de formação, as etnográficas, as turísticas, livrescas ou aquelas “ao redor do quarto”), já que um feito de deslocamento terminava sempre por tocar o outro, reverberando nas produções híbridas gestadas ao longo dessas rotas e experiências. Difícil separar as viagens interiores e exteriores, ensinam as deambulações de Bastide por entre cidades brasileiras, as de Gilberto Freyre por Portugal e territórios de ultramar, ou as travessias africanas de Michel Leiris. Todos esses périplos encontram-se ritmados pelas recordações de infância, pelas memórias familiares e *revêries*, propondo-nos o tópico da viagem-memória, visitado nas análises iluminadoras de François Hartog sobre a viagem de Ulisses (2004), nas de Lévi-Strauss pelos tristes trópicos (1955) e nas interpretações de Certeau... Todos estes autores ensinam como os itinerários geográficos, míticos e oníricos não se encontram apartados.

Essas rápidas ponderações parecem suficientes para indicar as inspirações que Michel de Certeau forneceu ao meu trabalho, auxiliando a redefini-lo. Espero que elas nos auxiliem também a incluí-lo no rol de autores fundamentais para a an-

21 Em *A viagem como vocação* (Peixoto, 2015), as análises sobre Gilberto Freyre ocupam os capítulos 3 e 5 e, sobre Leiris, o capítulo 6.

tropologia, nas suas mais diversas vertentes, ainda que ele não figure nas histórias canônicas da disciplina que tendem, ainda hoje e a despeito da propalada voga interdisciplinar, a marcar pertencimentos exclusivos, descartando os indisciplinados.

Certeau realiza uma torção reflexiva nas interpretações culturais, obrigando-nos a livrar-nos, de uma vez por todas, de certo ranço positivista que ainda assombra as análises sociais, e que se mostra nas renitentes separações entre objetividade (das ações, da vida social) e subjetividades (das motivações, das imaginações), entre práticas e representações, entre figurações materiais e oníricas. Como se não bastasse, ao converter o pensamento em ato, ele nos convoca a eliminarmos as distâncias entre as ideias e o gesto corporal que as engendra; a não separarmos, tampouco, palavra, pensamento e política.

Fernanda Arêas Peixoto é professora do Departamento de Antropologia da USP e pesquisadora do CNPq. Autora de *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide* (2000) e *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento* (2015) e co-organizadora, entre outros, *Ciudades sudamericanas como arenas culturales* (2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John L.

1962 *How To Do Things with Words*. Oxford, Clarendon Press.

BASTIDE, Roger

1957 *Brésil, terre de contrastes*. Paris, Hachette.

BAUMAN, Richard e SHERZER, Joel

1974 *Explorations in the Ethnography of Speaking*.
Cambridge (MA), Harvard University Press.

BAUMAN, Richard

1977 *Verbal Art as Performance*. Illinois, Waveland Press.

BURKE, Peter

2002 "The Art of Re-Interpretation: Michel de Certeau". *Theoria: A Journal of Social and Political Theory*, n. 100: 27-37.

CERTEAU, Michel de

1975 *L'Écriture de l'histoire*. Paris, Gallimard [Folio].

[1980] 1990 *L'Invention du quotidien 1. Arts de faire*. Paris, Gallimard.

[1980] 1994 *L'Invention du quotidien 2. Habiter, cuisinier*. Paris, Gallimard.

1993 *La Culture au pluriel*. Paris, Éditions du Seuil.

1994 *La Prise de parole*. Paris, Éditions du Seuil.

CHARTIER, Anne Marie e Hébrard, Jean

1998 "A invenção do cotidiano: uma leitura, usos".

Proj. História. São Paulo, 17: 29-44.

DETIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre

1974 *Les Ruses de l'intelligence. La Métis des Grecs*. Paris, Champs essais.

FOUCAULT, Michel

[1969] 2001 "O que é um autor?". In *Ditos e escritos*, vol. III. São Paulo, Forense.

FREYRE, Gilberto

1953 *Aventura e rotina*. Rio de Janeiro, José Olympio.

GIARD, Luce

1990 "Histoire d'une recherche". In CERTEAU, Michel. *L'Invention du quotidien 1. Arts de faire*. Paris, Gallimard.

GIARD, Luce (org.)

1987 *Michel de Certeau*. Paris, Centre Georges Pompidou, Cahiers pour un temps.

1988 *Le Voyage mystique. Michel de Certeau*. Paris, RSR/ CERF.

2017 *Le Voyage de l'œuvre*. Paris, Éditions Facultés Jésuites, Centre Sèvres.

HARTOG, François

2004 *Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. São Paulo/ Belo Horizonte, Humanitas/ UFMG.

HERZFELD, Michael

[1997] 2005 *Cultural Intimacy. Social Poetics in the Nation-State*. Nova York/ Londres, Routledge, 2ª ed.

INGOLD, Tim

2000 *The Perception of the Environment*. Londres/ Nova York, Routledge.

- [2007] 2011 *Une Brève histoire des lignes*. Paris, Zones Sensibles.
- 2011 *Being Alive. Essays on Movement, Knowledge and Description*. Londres/ Nova York, Routledge (trad. bras. Editora Vozes, 2015).
- 2013 *Making. Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Londres/ Nova York, Routledge.

LEIRIS, Michel

- 1930 "L'œil de l'ethnographe". *Documents*. 2^{ème} année, n. 7: 404-414.

LÉVI-STRAUSS, Claude

- 1955 *Tristes tropiques*. Paris, Plon.

ORTNER, Sherry

- [1986] 2011 "Teoria na antropologia desde os anos 60". *MANA*, 17 (2): 419-466.

OVERING, Joanna

- 1999 "Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica". *MANA*, 5 (1): 81-107.

PEIXOTO, Fernanda Arêas

- 2000 *Diálogos brasileiros, uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo, Edusp/ Fapesp.
- 2015 *A viagem como vocação. Itinerários, parcerias e formas de conhecimento*. São Paulo, Edusp/ Fapesp.
- 2016 "Literatura e imaginación etnográfica". *Tropelías. Revista de Teoría da Literatura y Literatura Comparada*, 25: 49-59.

SARLO, Beatriz

- 2000 "Olvidar a Benjamin". In *Siete ensayos sobre Benjamin*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

ZUMTHOR, Paul

- 1987 *La Lettre et la voix. De La "Littérature" médiévale*. Paris, Éditions du Seuil (trad. bras. Jerusa P. Ferreira, Companhia das Letras, 1993).

Recebido em 7 de dezembro de 2017. Aceito em 16 de junho de 2018.